

Reflexão & Ação, Vol. 18, No 2 (2010).**Infância e Educação**

Entrevista com João Josué da Silva Filho, por Sandra Regina Simonis Richter

Breve currículo:

Licenciado em Física pela Universidade de São Paulo (1973), Bacharelado em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (1975), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998). Entre nov. de 2003 e out. de 2004 realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Estudos da Criança (IEC - Universidade do Minho - Portugal), aprofundando estudos sobre a Sociologia da Infância e Cultura de Pares. Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Centro de Ciências da Educação, departamento de Estudos Especializados em Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil, É autor de livros e capítulos de livros, bem como é editor responsável pela revista eletrônica "Zero-a-Seis" (www.periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis).

Sandra- 1) A educação da infância, nas últimas décadas, tem capturado a atenção de vários campos do conhecimento para o desafio de perseguir abordagens que permitam uma aproximação à complexidade de um tema de estudos praticamente recente no âmbito universitário. A partir de suas pesquisas no campo da educação das crianças pequenas, como você situa as contribuições da sociologia para a compreensão da infância?

Josué - Em meu entender, a contribuição principal têm sido a chamada de atenção para um grupo social delimitado pelo recorte geracional que, em termos de enquadramento sociológico, ficava confinado ao âmbito dos estudos sobre a família ou sobre a escola. Considerar as crianças como dignas de serem consideradas como elas mesmas no corpo de estudos sobre as relações sociais modifica substancialmente o enfoque das pesquisas

sobre o tema da educação desses sujeitos o que, pelo menos potencialmente, ajuda a melhor compreender necessidades, desejos e expectativas das crianças diante das relações em que estão imbricadas.

Sandra- 2) Segundo a perspectiva da sociologia da infância, quais as interrogações necessárias para problematizar a educação da infância diante da complexidade social que tenciona o tema na contemporaneidade? Quais as conquistas dessa abordagem para a educação de crianças pequenas?

Josué - Em que aspectos principais, além da diferença de idade, é necessário destacar a forma pela qual as crianças percebem o mundo da forma pela qual os adultos percebem o mundo ? Qual o grau de autonomia da forma pela qual as crianças percebem o mundo em relação à forma pela qual o mundo já encontra-se definido pela cultura hegemônica em cada formação social e em cada época? Qual o grau de “acabamento” ideal no processo de formação dos seres humanos ? Como manter nas relações entre gerações a dinâmica de um “equilíbrio” entre o direito e a necessidade de apreensão das conquistas e soluções já construídas e o direito e a necessidade de pensar, propor e realizar outras conquistas, outros caminhos e outras soluções?

Do meu ponto de vista, ao colocar na ordem do dia perguntas que questionam o que de fato sabemos sobre a forma como as crianças percebem o mundo e o quanto de fato damos importância a isto e percebemos a legitimidade das expectativas das crianças, mais próximos estaremos de uma educação que trabalhe na direção de promover a consolidação de energias emancipatórias nas relações entre os seres humanos. Os estudos sobre a infância, em particular aqueles agregados em torno da Sociologia da Infância, parecem-me contribuir nessa direção.

Sandra – 3) Quanto à perspectiva metodológica, a sociologia da infância contribui para descentralizar o ponto de vista do adulto ao destacar a importância de envolver as crianças como protagonistas e considerar sua participação nos estudos realizados, promovendo mudanças nos modos de conceber e fazer pesquisa com crianças pequenas. O que altera na pesquisa educacional o fato de ouvir as crianças?

Josué - A alteração decorrente de “ouvir” as crianças nas pesquisas educacionais dependerá da perspectiva que engendrou tal iniciativa. “Ouvir” as crianças pode não significar mudança alguma em relação aos procedimentos que determinados pontos de vista tomavam anteriormente à *problematização* posta em evidência pelos recentes questionamentos trazidos pela sociologia da infância. Pode-se ouvi-las apenas para destacar a “natural” ignorância delas e a incapacidade que possuem para estabelecer uma comunicação compreensível. Assim, a resposta à questão colocada poderia ser formulada da seguinte maneira: a proposta de considerar-se importante ouvir as crianças já traz consigo as possíveis diferenças de postura em relação à importância (ou não importância) de tal procedimento para a construção de um conhecimento que seja considerado válido e legítimo. O que tem alterado algumas posturas no campo da pesquisa educacional que envolve as crianças pequenas é a tomada de consciência de alguns pesquisadores e educadores que identificam nas práticas sociais, nos procedimentos e nos resultados de pesquisas, traços nitidamente delineados por uma perspectiva restrita do mundo (a globalização localizada) cuja concepção se auto refere como padrão inquestionável para todas as propostas de produzir a existência humana. Segundo tal perspectiva a diversidade do mundo é encurralada nos espaços de submeter-se à assimilação ou à aniquilação.

Sandra- 4) No campo das políticas educacionais, predomina uma compreensão de infância no singular, enquanto pretensão de universalidade, legitimada na maioria das práticas pedagógicas. Podemos dizer que nas políticas curriculares, documentos de gestão e avaliação predominam uma racionalidade que Boaventura Santos denomina de *indolente* porque se considera única, exclusiva e, portanto, não se exercita o suficiente para poder conceber outras infâncias. Como a pesquisa acadêmica, com históricas raízes nessa racionalidade *preguiçosa*, pode resistir e enfrentar o problema que as crianças pequenas colocam à educação em nosso país? Ou seja, como não cair na armadilha de um conhecimento que produz como ausente muita realidade que poderia ser considerada em nossos estudos, reduzindo a realidade ao que aí está (pré)posto como “inquestionável”: aquilo que as crianças pequenas “não têm” ou “ainda não são”?

Josué- Creio que a resposta a esta questão pode ser colhida a partir daquilo que respondi na pergunta de número 3. No que se refere a como evitar ser cooptado ou como evitar ser colhido pelas “armadilhas “ de uma determinada concepção de mundo que detém a força de uma hegemonia construída ao longo de alguns séculos de prática social que em certa parte atendeu a algumas expectativas acalentadas pela humanidade e por outra parte impôs-se pela violência das armas, pelos resultados da ciência que constituiu e pelo discurso de convencimento que elaborou, não creio existir resposta segura, posto que neste aspecto lidamos com uma complexidade de fatores sociais, econômicos, culturais de ordem geral e de ordem individual. Talvez a dificuldade em avançar uma orientação mais precisa seja causada pelo fato de estarmos a viver uma época de transição em que nos incomodamos com as “promessas” não cumpridas de uma vida melhor, mas ainda temos medo de nos afastarmos da segurança, ainda que incomoda, de um projeto que ao invés de soluções parece gerar mais catástrofes a cada movimento. Buscar aprofundar o conhecimento sobre o projeto social que produz as tais “ausências” para explicitar a perspectiva restrita na qual embasa seu discurso pode ser uma estratégia forte de tomada de consciência a alimentar nossa utopia na direção da construção de um outro projeto. Uma outra estratégia pode ser empenhar-se na aproximação a essas experiências de produção da existência e formas de estar no mundo que têm sido descartadas, silenciadas mesmo, pela lógica dominante, como forma de preencher, com esse aprendizado, aquilo tem nos faltado para ter maior clareza de quanta restrição nos têm sido imposta e com isso reacender a indignação com tal situação e alimentar o desejo de retomar a nossa humanidade em bases mais inclusivas e solidárias.

Sandra- 5) As pesquisas no campo da educação da infância têm contribuído para alterar os contextos educativos da primeira infância no Brasil?

Josué- De uma maneira geral têm contribuído. Contudo, têm contribuído mais em alguns aspectos do que em outros. No campo das orientações em termos de formação de educadores e constituição de referências o impacto me parece maior do que aquele observado nas ações educativas em salas de creches e pré-escolas.

Sandra- 6) Hoje, a educação das crianças pequenas e dos bebês é um desafio acadêmico. Existe a necessidade de intensificar o debate no campo das pesquisas com crianças e a interlocução entre as áreas de estudos da infância. Nesse sentido, poderias abordar o trabalho desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina e destacar algumas ações e perspectivas que integram os pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisa da Educação na Pequena Infância?

Josué- A PERSPECTIVA QUE INTEGRA as ações dos pesquisadores do Núcleo parte do pressuposto que as crianças são seres humanos como todos os outros no sentido de merecerem respeito, atenção e serem consideradas como competentes para dizer de si mesmas. O fato de não possuírem uma avançada idade não deve, em nosso entender, servir de motivo para as desprezarmos como irracionais, como se não fossem interlocutores tão importantes como quaisquer outros. Tal perspectiva exige que mergulhemos no campo da busca incessante de *tradutibilidade* entre as diferentes linguagens em que se expressam nossas diferenças em busca de uma compreensão ampliada com bases menos hierarquizadas à partida e bases mais negociadas à chegada. Compreendemos também que todas as “culturas” são incompletas, o que significa que a melhor educação que temos a intenção de produzir somente ampliará seu âmbito de abrangência se incorporar a contribuição das outras “incompletudes” que participam do sonho de produzir um mundo melhor para todos.

Pesquisar em diferentes espaços que abriguem diferentes características econômicas, sociais e culturais, como forma de multiplicar nossas perspectivas; estabelecer permanente diálogo com os diferentes protagonistas (profissionais da educação, pais, crianças, profissionais de outras áreas de conhecimento, etc.) da ação educativa com o mesmo propósito de alimentar e ampliar as nossas perspectivas. Distribuir nossos esforços nos campos de formação inicial, formação continuada, pesquisa científica e divulgação de resultados, de forma a aprender a lidar com as dúvidas e os questionamentos também de forma partilhada com todos aqueles que se envolvem conosco nessa aventura de produção social de projeto ou projetos de sociedade que superem os impasses e catástrofes em que estamos mergulhados atualmente.